

O belo perigo da escrita: Foucault e a arte de pensar a alteridade com “mãos de veludo”

Rosa Maria Bueno Fischer  ★

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil

Resumo

O artigo trata das memórias de uma pesquisadora que, há algumas décadas, trabalha inspirada em Michel Foucault, especialmente em seu modo de pensar as urgências do presente, a construção de verdades e o estatuto da escrita e da autoria. O texto faz referência a algumas investigações da autora, fazendo articulações com acontecimentos políticos e sociais recentes, ao mesmo tempo que dialoga com teóricos e artistas, como Foucault, Chico Buarque, Deleuze, Manoel de Barros, Paul Veyne, entre outros. Questões a respeito da alteridade percorrem todo o texto, com ênfase na temática da elaboração estética de si e no exercício necessário de uma ética da existência.

Palavras-chave: Michel Foucault; escrita; autoria; alteridade.

The beautiful danger of writing: Foucault and the art of thinking about otherness with “velvet hands”

Abstract

This article deals with the memories of a researcher who, for some decades, has been inspired by Michel Foucault, especially in his way of thinking about the urgencies of the present, the construction of truths and the status of writing and authorship. The text refers to some of the author's research, making connections with recent political and social events, while also dialoguing with theorists and artists, such as Foucault, Chico Buarque, Deleuze, Manoel de Barros, Paul Veyne, among others. The theme of otherness runs through the entire text, with emphasis on the aesthetic elaboration of the self and the necessary exercise of an ethics of existence.

Keywords: Michel Foucault; writing; authorship; otherness.

El bello peligro de escribir: Foucault y el arte de pensar la alteridad con “manos de terciopelo”

Resumen

El artículo trata de las memorias de una investigadora que, hace algunas décadas, trabaja inspirada en Michel Foucault, especialmente en su manera de pensar las urgencias del presente, la construcción de verdades y el estatuto de la escritura y la autoría. El texto hace referencia a algunas de las investigaciones de la autora, estableciendo conexiones con acontecimientos políticos y sociales recientes, al mismo tiempo que dialoga con teóricos y artistas, como Foucault, Chico Buarque, Deleuze, Manoel de Barros, Paul Veyne, entre otros. Las preguntas sobre la alteridad recorren todo el texto, con énfasis en el tema de la elaboración estética del yo y el necesario ejercicio de una ética de la existencia.

Palabras clave: Michel Foucault; Escrita; Autoría; Alteridad.

Primeiro momento – O presente, a memória, a inundação

Por vezes, ficamos sem palavras. Dizemos que elas nos fogem. O horror da destruição e da morte, da violência das águas e das terras e cidades não cuidadas, o desprezo às pessoas e às coisas e causas ambientais – foi o que vivemos no Rio Grande do Sul, entre abril e maio de 2024. Descíamos às ruas e repetíamos: não acredito, não é possível. A maior parte do tempo ficávamos mudos, com medo. As frases incrédulas se repetiam: Não é possível. Não é verdade. Não saiam de casa. Fiquem em casa. Saíam imediatamente. A água avança. A rua inunda. Os bueiros são chafarizes loucos. A água está pela cintura. Perdi tudo. Perdi tudo. Perdi tudo.

As imagens na TV e no celular eram avidamente buscadas. De repente, já não sabíamos se a devastação do bairro aqui perto era a imagem dos destroços em Gaza, ou a lembrança do furacão Kathrina nos Estados Unidos. Sabíamos que se tratava de uma catástrofe. Impossível não lembrar dos combatentes de Benjamin chegados dos campos de batalha, mudos diante de experiências desmoralizadas e incomunicáveis: milhares em abrigos, com fome, com frio, sem teto, sem suas casas. Alemanha do início do século passado? Não. Brasil de 2024.

Como na origem da palavra ‘catástrofe’, aquele momento nos remetia ao drama grego, onde ‘catástrofe’ indicava o momento em que os acontecimentos se voltavam todos contra o personagem principal, num movimento feito pelo coro. *Kata* = para baixo, *Strofhein* = virar. Assim expliquei à minha neta, que resolveu escrever naqueles dias um ABC da enchente. Sim, já sabíamos o que escrever na letra K.

*Endereço para correspondência: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Departamento de Estudos Especializados. Av. Paulo Gama, s/n, prédio 12201 - Centro, Porto Alegre, RS, Brasil. E-mail: rosabfischer@gmail.com

Os dados completos da autora encontram-se ao final do artigo.



Catástrofe climática? Sim, mas não só. Catástrofe moral, barbárie, total ausência de cuidado com a dignidade humana. Isso tudo se mostrava, a cada relato, na falta de manutenção dos dispositivos de proteção de uma cidade, como também na dança macabra do Senado e da Câmara dos Deputados em Brasília, com seus projetos de morte: das praias, dos jovens pretos e pobres supostamente envolvidos com drogas, das mulheres violentadas. Mortes em nome da vida? É isso, então?

Apaixonada que sou por Foucault, fico me dizendo quanta falta ele nos faz. Em nome dele e em homenagem a ele, busco forças para falar de Foucault, de sua escrita, da beleza que ele conseguiu imprimir às maiores dores da loucura, do encarceramento, da miséria dos infames. Sem deixar de interrogar-se sobre o surgimento e os modos de operação das coisas efetivamente ditas, “reais” – portanto, muitas vezes duras e quase insuportáveis –, Foucault escreveu a respeito delas com mãos de veludo.

Será que consigo mãos de veludo para falar de Foucault, justo nestes tempos? Lembro de um poema de Manoel de Barros (2001), chamado Autorretrato: “Produzi desobjetos, 35, mas pode que onze: um alicate cremoso, um abridor de amanhecer, uma fivela de prender silêncios, um prego que farfalha, um parafuso de veludo” (p. 45). Manuel de Barros, travestido de Foucault, poderia dizer: produzi hoje uma caneta-bisturi com mãos de veludo.

Na conversa com Claude Bonnefoy, em 1968, Foucault se explica:

Para mim, escrever é uma atividade extremamente suave, discreta. Tenho como que uma impressão de veludo quando escrevo. Para mim, a ideia de uma escrita aveludada é como que um tema familiar, no limite do afetivo e do perceptivo, que não para de assombrar meu projeto de escrever, de guiar minha escrita quando estou escrevendo, que me permite, a cada instante, escolher as expressões que quero utilizar (Foucault, 2016, p. 43).

O autor está comentando nesse trecho o fato de muitos verem um estilo seco e mordaz na forma como ele escreve. Foucault até concorda com a crítica:

Imagino que haja em minha caneta uma velha herança do bisturi. (...) Substituí o inapagável da cicatriz pelo signo perfeitamente apagável e rasurável da escrita. Talvez deva mesmo ir mais longe: a folha de papel talvez seja, para mim, o corpo dos outros (Foucault, 2016, p. 44).

Isso vale para o relato criativo de suas pesquisas e análises sobre a (a)normalidade, o enclausuramento e a dor, sobre a confissão e a história da sexualidade, e também para o modo como lê obras clássicas, de autores como Adam Smith. Em todo o processo de ler o mundo, as coisas, as imagens, as teorias, Foucault busca romper radicalmente com as familiaridades, atento às invisibilidades – como ele diz, apreendendo o “invisível visível demais”, afastando-se “daquilo que está próximo demais” (Foucault, 2026, p. 70). Essa é a importante operação que ele assume, ao escrever. Operação tortuosa, difícil, mas sempre feita com arte, com mãos de veludo.

Segundo momento: Chico e Foucault

Comemoramos em 2024 os 80 anos de Chico Buarque e os 40 anos da morte de Michel Foucault. Sabemos que a luta antifascista continua, urgente e absolutamente necessária – uma luta por demais importante para esses dois artistas-pensadores. O filme de Walter Salles, *Ainda estou aqui*, lançado em 2024 e premiado com o Oscar de Melhor Filme Estrangeiro em 2025, pode e deve ser invocado neste debate, aliando-se ao exercício da crítica, da memória e igualmente da criação artística e filosófica – como em toda a obra de Foucault, como nos versos de Chico:

(...) Como beber dessa bebida amarga/ Tragar a dor, engolir a labuta/ Mesmo calada a boca, resta o peito/ Silêncio na cidade não se escuta (...)

Como é difícil acordar calado/ Se na calada da noite eu me dano / Quero lançar um grito desumano / Que é uma maneira de ser escutado¹.

Lembro também de um dos tantos discos insuperáveis de Chico Buarque – “Paratodos”². Nele, Chico fala de memória, de herança, de profundo respeito por quem veio “antes”. Respeito aos nossos “maestros soberanos”. Acho que igualmente poderíamos pensar numa espécie de “Paratodos acadêmico”, a partir dos textos de Foucault. É ele quem me sopra esta toada: se não consigo cobri-la de redondilhas, pelo menos, nesse sopro, é a ele que peço forças para pensar, exercer a crítica, e assim seguir minha jornada, também eu com a “vista enevoadá”, a “ver inferno e maravilhas”. Qual um filósofo antigo, daqueles amados por Foucault, Chico sugere “medicação poética” às nossas dores: “Contra fel, moléstia, crime/ use Dorival Caymmi”; “contra solidão agreste, Luiz Gonzaga é tiro certo, Pixinguinha é inconteste”. E eu, aqui, acrescento: contra todas as formas de fascismo, em tempos de moda retrô, vá de Michel Foucault.

A multiplicação dos feminicídios, a violência policial especialmente com os mais pobres e negros das periferias, a exacerbação dos atos racistas e antidemocráticos em nosso País, a destruição da própria vida daquilo que nos permite respirar (das águas, das florestas, dos animais) e a desordem mundial ainda em guerras por ocupação de territórios – diante de tudo isso, o que diria Foucault?

Com sua ajuda, replicamos seu modo de pensar e perguntamos: como se tornou possível que, após tantas conquistas dos feminismos, das lutas e movimentos sociais, de uma história política que elegeu várias vezes um partido de esquerda para a presidência da República no Brasil – como se tornou possível que vozes tão enfurecidas da extrema direita se sintam assim plenamente à vontade, inclusive para tentar impedir de falar uma autoridade como Judith Butler, como aconteceu em São Paulo em 2017? Vários anos depois, continuamos perguntando: Como é possível que milhões de pessoas no nosso País apoiem tantos desmandos fascistas?

No Prefácio ao livro *Anti-Édipo*, de Deleuze e Guattari, o mestre Foucault nos diz que o grande problema é “o fascismo que está em todos nós, que persegue nossos es-

¹ Trechos da música *Cálice*, lançada em 1978.

² *Paratodos* é a música que dá título ao álbum de Chico Buarque, lançado em 1993.

píritos e nossas condutas cotidianas, o fascismo que nos faz amar o poder, desejar essa coisa que nos domina e nos explora” (Foucault, 2010c, p. 105). Sua proposta segue atualíssima: precisamos criar e desenvolver em nós o que ele chamou de “um estilo de vida não fascista”, buscando desembaraçar nossos discursos e nossos atos, nossos corações e nossos prazeres, de todos os modos fascistas que tenham se incrustado em nosso comportamento: seja no cotidiano doméstico, seja na vida acadêmica.

Isso inclui um manifesto contra as pretensões totalizantes, as hierarquizações empedernidas, os sedentarismos teóricos, as verdades únicas. E a favor de um pensamento que opera nos lugares mínimos, nas lacunas. A favor de um pensamento que estranha o já dado, instituído. Enfim, a favor da prática política intensificadora do pensamento, multiplicando formas e domínios de intervenção política, aqui e agora. Assumo para mim as palavras de Foucault no encerramento das aulas de *A coragem da verdade*, um de seus últimos cursos: “não há instauração da verdade sem uma posição essencial da alteridade; a verdade nunca é a mesma; só pode haver verdade na forma de outro mundo e da vida outra” (Foucault, 2014a, p. 316). Ou seja, há um outro necessário, irremediavelmente outro, insubstituível – e isso demanda uma genuína abertura ao imprevisível da alteridade, não exatamente como mera aceitação do estranho ou diferente, mas como desafio permanente para a criação, mobilizando-nos nas práticas da arte da existência.

Assim, aprendemos com o filósofo a complexidade do pensamento sobre o outro: o outro que há em nós mesmos, o outro da arte, o outro das verdades que não se fecham em si mesmas, e principalmente o outro considerado anormal, menor, sem voz – ou a quem é negada a palavra e a presença digna no mundo. Foucault circula por todas essas presenças do outro, a começar pelo outro corporificado nos textos e elaborações de todos os que o antecederam, e a quem ele rende homenagem – como Jean Hyppolite e Canguilhem, e tantos outros que inspiraram e orientaram seu pensamento. Trata-se sempre de distanciamentos (entre mim e o outro) e, ao mesmo tempo, da experiência radical com esse alguém que me transforma e que, de algum jeito, me convoca ao gesto solidário e amoroso.

Terceiro momento: o prazer de pensar com Foucault

Foucault tem me mobilizado, desde que pela primeira vez li *A ordem do discurso*, em pleno tempo sombrio da ditadura militar em nosso País, em meados dos anos 1970. Tudo me fascinava naquele texto, o qual partia desta indagação: afinal, o que há “de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo?” (Foucault, 2009b, p. 8).

Para mim, que li depois dezenas de vezes outro livro fundamental, *A arqueologia do saber*, o fascínio vinha da possibilidade enorme que os achados foucaultianos abriam para minha trajetória profissional e existencial. Desde o início da vida adulta, equilibrava-me entre o amor às letras e à literatura, a paixão por poder contar histórias (que eu colhia e inventava como irmã mais velha de uma trupe fa-

miliar ou como repórter) e, mais tarde, a realização como pesquisadora acadêmica. E, na leitura dessas obras todas, havia para mim sobretudo a constatação da beleza mesma da escrita de Foucault, que funcionou e continua funcionando como um convite à minha própria escrita.

Penso que a busca das metáforas e das imagens literárias, nas construções tão rigorosas de suas investigações, sempre me apresentava um pensador inconformado, independente, insistindo em viver numa linha feitiçeira, como bem Deleuze (1992) o descreveu. Essa linha, de modo mais radical, vislumbra duas possibilidades extremas: ou a morte, ou a loucura. Poderíamos dizer que essa linha feitiçeira se multiplica em Foucault, mostrando-o nos limites de um pensador que explica, divide, dobra e desdobra a análise, se faz didático, mas que, ao mesmo tempo, consegue suavizar e refrescar os enunciados, por vezes tão aridamente expressos por ele.

O certo é que não saímos impunes do contato com Foucault. A leitura nem sempre é fácil. Quando você pensa que entendeu, memorizou e se aliviou, o parágrafo seguinte lança uma nova pedra ao lago aparentemente calmo. É fato histórico a exclusão da loucura, para sempre separada da razão? Sim, entendemos essa afirmação. Imediatamente Foucault nos confunde e indaga: Mas isso acabou? Agora não é mais assim? Pois bem, diz ele: os ouvidos médicos de agora (anos 1970) escutam a voz livre do louco, desde que nesse gesto institucionalizado se mantenha a cesura, a divisão. Trata-se aqui, para Foucault, da escuta de uma voz que se crê carregada de terríveis poderes. Ele diz: “Se é necessário o silêncio da razão para curar os monstros, basta que o silêncio esteja alerta, e eis que a separação permanece” (Foucault, 2009b, p. 13).

Penso que o modo intenso e vívido de Foucault expor o pensamento propicia uma dupla transformação: transformação do autor, criado pela própria obra – como diz Paul Veyne; e transformação do leitor, levado a ser diferente do que era até então. Transformação que é salvação, morte do criador, justo pela escrita que o despersonaliza, numa “perpétua fuga em frente” (Veyne, 2009, p. 139). Em entrevista concedida em 1978, Foucault diz o que parece ter sido uma constante para ele: escrever para transformar a si mesmo:

(...) escrevo porque não sei, ainda, exatamente, o que pensar sobre essa coisa em que gostaria tanto de pensar. De modo que o livro transforma o que eu pensava e transforma o que penso (...). Sou um experimentador no sentido em que escrevo para mudar a mim mesmo e não mais pensar na mesma coisa de antes (Foucault, 2010b, p. 289-290).

Mais uma vez a linha feitiçeira – a escolha entre o nada e o caos, entre a morte e a memória. Acompanhar a produção de Foucault é testemunhar sua entrega à escrita, desde que dela ele mesmo pudesse sair transformado. Ou era isso, ou era a morte. Sim, como herdeiro direto de Nietzsche, Foucault experimentava na carne a dimensão trágica da vida, oscilando entre o aparecimento e a desapareição. Suas análises sobre a obra de artistas e literatos como Magritte e Sade, e tantos outros, vão nos dizendo: escrever, inscrever-se, deixar marcas, pintar não nos con-

ferem eternidade. Pelo contrário, trata-se de algo que sai de nós, na materialidade de objetos que jamais possuiremos, criações que a rigor não são nem serão nossas. São, ao contrário, plena ausência – ausência sem a qual, paradoxalmente, não conseguimos viver. Numa entrevista dada no Brasil, em 1973, Foucault diz:

É na obra que o homem encontra seu abrigo e seu lugar. É nela que ele habita, é ela quem constitui sua pátria. Sem ela, o autor não teria, literalmente, existência. Mas essa existência do artista em sua obra é de tal natureza que o conduz, inexoravelmente, a perecer (Foucault, 2011a, p. 51).

Poderia estender-me aqui com vários exemplos da beleza e do perigo da escrita em Foucault. Escolho um de seus mais belos textos, “A vida dos homens infames”, publicado em 1977. Nele, é como se Foucault tivesse encontrado o tema do desaparecimento em carne viva. Os documentos que encontrou em arquivos de instituições judiciárias e policiais, dos séculos XVII e XVIII, provocaram-lhe sensações físicas, forte emoção, por ver-se surpreendido diante de breves registros de aventuras e desventuras de vidas miseráveis, condenadas à total desaparecimento. Nos registros de tantas vidas sem glória, Foucault encontra intensidades, “existências-clarão”, inscritas em “poemas-vida” (cfe. Foucault, 2010a).

Até hoje me comovo lendo o texto, porque encontro ali um pesquisador rigoroso, correto, responsável academicamente, que consegue olhar o outro como poema. Temos, então, a criação literária em dose dupla. *Lettres de cachet*, denúncias, narrativas diversas, ordens policiais são materiais acolhidos amorosamente pelo pesquisador, como matéria prima para a montagem de um esquema de pesquisa, que merecerá um relato cuidadoso, mas também poético. Ele faz literatura sobre vidas que saíram da invisibilidade, justo porque de algum modo se defrontaram com o poder. O microscópico emerge em poesia, também em trabalho científico. Mãos de veludo para expor os infames nas malhas do poder e para ser desafiado a pensar sobre o grande tema teórico do governo das populações.

Não se trata só da singularidade daqueles relatos e daquelas vidas: para ele, de forma mais ampla, começava a erguer-se no Ocidente um murmúrio incomparável, novo, a partir do qual “as variações individuais da conduta, as vergonhas e os segredos são oferecidos pelo discurso à ação do poder”. Ele segue nos remetendo ao que, mais tarde, viria a ser uma prática importante entre os historiadores: falar das pequenas coisas, das insignificâncias, do cotidiano:

O insignificante deixa de pertencer ao silêncio, ao rumor passageiro ou à confissão fugidia. Todas essas coisas que compõem o comum, o detalhe sem importância, a obscuridade, os dias sem glória, a vida comum, podem e devem ser ditas, ou melhor, escritas (Foucault, 2010a, p. 216).

Quarto momento – pesquisar com Foucault

O texto dos homens infames esteve e está em todas as minhas pesquisas, nos meus seminários e artigos, desde os anos 1990, sem que eu deixasse de ler e estudar tantas outras publicações, depoimentos e entrevistas, os cursos, os Ditos & Escritos. Meus estudos, inicialmente sobre mí-

dias (televisão) e depois sobre cinema, tratam de imagem, linguagem, arte, discurso. Tratam igualmente do tema do cuidado ético consigo e com o outro, modos de sujeição e linhas de fuga da subjetivação. Claro, Foucault não é o único autor de referência. Mas é um dos mais amados.

Nos anos 1990, fiz pesquisas sobre juventude e televisão, sugerindo o conceito de “dispositivo pedagógico da mídia”. Produzi uma tese sobre produção de subjetividades adolescentes. Indagava-me sobre os modos de exposição de si mesmo, a convocatória das mídias a que as mínimas dores e os mais secretos desejos ganhassem a luz. Especialmente das mulheres, mais ainda das meninas: vidas sem glória abertas à curiosidade das teias midiáticas do poder. Em cada página do relato de meus estudos é possível encontrar rastros de Foucault, do aprendizado que fiz principalmente quanto ao cuidado de navegar pelas lacunas, por aquilo que falta e que, justamente por isso, nos põe a pensar.

Fico pensando hoje no horror dos atos de alguns representantes do Congresso Nacional, a querer imiscuir-se nos corpos infantis, jovens, na sexualidade violentada, num possível desregramento das condutas, a partir de um olhar conspícuo, execrável, de homens sem qualquer vergonha de exercer o poder a qualquer custo, até o custo da morte ou do encarceramento de vítimas de abuso... O que diria Foucault de tudo isso?

Certamente, ele não buscaria grandes generalizações, muito menos continuidades. As jovens brasileiras de hoje, julgadas ou até criminalizadas, por reivindicarem o aborto permitido por lei, não são as mesmas mulheres denunciadas ao Rei por uma suposta negligência com o marido delator, nos idos dos séculos XVII ou XVIII, na Europa. Há que se atentar para a singularidade dos acontecimentos, nos diz Foucault, olhar para a descontinuidade dos discursos, os espaços aparentemente vazios. E extrair enunciados das formações discursivas de uma certa época e lugar, entendendo que o enunciado é paradoxalmente não visível e não oculto. “É necessária uma certa conversão do olhar e da atitude para poder reconhecer-lo e concebê-lo em si mesmo”. Mais adiante, nesse mesmo trecho de *A arqueologia do saber*, o autor formula com elegância literária uma questão instigante sobre a linguagem, as enunciações e os enunciados: “A linguagem parece sempre povoada pelo outro, pelo ausente, pelo distante, pelo longínquo: ela é atormentada pela ausência” (Foucault, 2009a, p. 126).

Mesmo nos textos mais duros e quase impenetráveis de Foucault, às vezes por uma quantidade enorme de dados das pesquisas, fui aprendendo com ele a necessidade de criar respiros, de valer-me de uma certa dose de ironia, inventar como ele construções de rara beleza, que conduzem o leitor e voltar à página anterior e seguir, como o vigia dos versos de Chico Buarque, catando a poesia que Foucault “entorna no chão”³.

É por isso que, quando me aventurei a estudar cinema, imagem e educação, não abandonei Foucault. Pelo contrário. Fui buscar em sua obra os modos como ele

³ Refiro-me aos versos finais da música *As vitrines*, de Chico Buarque, de 1981: “Passas em exposição/Passas sem ver teu vigia/Catando a poesia/Que entornas no chão”.

nos falou da palavra, da linguagem, das visibilidades e invisibilidades – que alguns quiseram fixar apenas no que se chama de “Foucault da arqueologia”, dos enunciados e do discurso. Fui aprendendo que não era bem assim. O tripé estava e está em todas as suas análises: cada um com mais ou menos intensidade a cada vez: o tema do discurso (do saber e da verdade) não se separa das elaborações sobre relações de poder, lutas e resistências; da mesma forma, falar em produção de sujeitos (ou de sujeições, modos de subjetivação, ética do cuidado, elaboração de si) tem a ver diretamente com saberes e poderes.

Em cada um desses textos e elaborações, é com mãos de veludo que a caneta-bisturi de Foucault escreve, descreve, pensa. Como ficar insensível a uma formulação como esta, sobre a relação entre linguagem e imagem, que lemos em “As damas de companhia”, abrindo a monumental obra *As palavras e as coisas*?:

A relação da linguagem com a pintura é uma relação infinita. Não que a fala seja imperfeita e, diante do visível, se encontre um déficit que ela em vão se esforçaria por superar. Elas são irredutíveis uma à outra: por mais que se diga o que se vê, o que se vê não está jamais no que se diz, e por mais que se faça ver por imagens, metáforas, comparações o que se vai dizer, o lugar onde elas resplandecem não é aquele que os olhos percorrem, mas aquele que as sucessões de sintaxe definem (Foucault, 2009c, p. 201-202).

Mais de 15 anos se passaram desde a publicação de um texto meu sobre o filme *Cidade de Deus*, de Fernando Meirelles (Fischer, 2008). Foucault me pareceu imprescindível para aquele trabalho. No contato com a literatura e o cinema, fui aprendendo com Foucault o não-isomorfismo entre ver e falar, entre o visto e o falado, entre a palavra e a coisa. Analisando o filme *Cidade de Deus*, consegui (ou tentei) me afastar do desejo de desvendar o que estaria “por trás” das coisas ditas, para mergulhar nas superfícies das imagens e textos, sem a pretensão de afirmar o que *queriam dizer* efetivamente. Busquei olhar o filme apontando para modos de exclusão aprendidos por séculos, e que não cansam de transformar-se, sempre outros, como também ocorre com o problema do direito de vida e de morte. Esses excluídos nos olham.

Existe algo a mais naquele filme, impedindo-nos de dizer que *isso ali* é a favela, *isso aqui* são os meninos pretos e pobres: tudo o que está mostrado, até a trilha sonora, as cenas, tudo tem uma história, algum tipo de inscrição, pois cada detalhe filmado e falado deixa memória, o que nos afasta de interpretações simplistas do tipo: *isto é assim*. Traição das imagens. Traição das palavras. Multiplicação de sentidos. Impossibilidade de fixações. Como escreve Foucault, analisando a obra de Magritte, em *Isso não é um cachimbo* (Foucault, 2009d).

Mais recentemente me pus a investigar filmes que de alguma forma convocam o espectador ao gesto solidário. Importante dizer que o projeto nasceu em meio à pandemia de COVID. Para tanto, iniciei uma busca teórica relativa à aproximação de conceitos ou temas como empatia, solidariedade, alteridade, cuidado, reconhecimento social, sem

ficar num único campo de saber. Inspirada em Foucault, busco dialogar simultaneamente com a filosofia, a psicanálise, as artes visuais, a sociologia e, claro, a educação.

Aproximei estudos de psicanálise sobre o conceito de despossessão, em Vladimir Safatle (2016), das questões sugeridas por Foucault no curso *A hermenêutica do sujeito* (2004). Saber-se “despossuído”, desnudo e vulnerável parece-me inseparável do convite foucaultiano do cuidado consigo, do trabalho urgente e necessário sobre nós mesmos. Perceber-se nessa condição de precariedade não é simples. Mas penso ser um caminho indispensável, para a educação da sensibilidade ética e estética de jovens e de todos nós. Nesse sentido, aproximo a questão teórica trazida pela psicanálise daquilo a que Michel Foucault se dedicou, sobre a hermenêutica do sujeito e, especificamente, sobre o preceito antigo do “cuidado consigo”. Segundo ele, uma das heranças que os filósofos clássicos nos deixaram diz respeito ao rigoroso trabalho que precisamos fazer sobre nós mesmos, de modo a “dar o máximo de brilho” à nossa existência. Para fazermos da própria vida um objeto de conhecimento, um objeto de arte (Foucault, 2014, p. 229).

Todas as lutas contra racismos, homofobias, desigualdades de gênero e classe se inscrevem igualmente no que Foucault chamou de “práticas de liberdade”, e estas sempre têm a ver com um problema ético, na medida em que cuidar de si é da ordem da liberdade individual e, necessariamente, da ordem cívica, política. Estudando os gregos clássicos, Foucault elaborou ideias fundamentais para pensarmos a possibilidade de uma estética da existência, nascida de um trabalho que precisamos fazer sobre nós mesmos: ele apontou para “uma dimensão da subjetividade que deriva do poder e do saber, mas que não depende deles” (Deleuze, 1991, p. 109). Assim, aprendemos com ele sobre as relações de força (poderes e discursos) que nos constroem, que vêm do “fora”, um fora, entretanto, que é possível dobrar, derivando-se dali um sujeito, produto de uma subjetivação, alguém que está sempre por se fazer, em devir, como existência estética.

Quando fiz meus estudos sobre o filme *O Fim e o Princípio*, de Eduardo Coutinho, (FISCHER, 2024) foi como se eu estivesse na Biblioteca Nacional de Paris, ao lado de Foucault, anotando registros, já não a partir de materiais gravados no papel, mas nas cenas de um filme que me fala de Brasil, do sertão nordestino. Já não eram aquelas figuras dos séculos XVII e XVIII na Europa, o filho devasso, o marido desregrado, a perigosa mulher – todos denunciados a Sua Majestade, pedindo para eles a condenação ou a morte. Agora eu aprendia com Eduardo Coutinho sobre os anônimos e infames de terras brasileiras. Como, aliás, eu havia feito ao estudar o filme *Cidade de Deus*.

As rezadeiras, o namorador, o poeta e seus sonetos, a mulher que criou sozinha as três filhas, trabalhando na roça, o filósofo do sertão – figuras já com seus 70, 80 ou 90 anos – estão no centro da narrativa fílmica, a partir do olhar de Eduardo Coutinho. Cada um desses personagens me remete de imediato à paixão de Foucault por pessoas anônimas. Interessava ao cineasta e ao filósofo, digamos, o “menos nobre”, o insignificante. E é justamente nesse

não-lugar social de vidas desafortunadas que um pensador como Foucault encontra preciosidades do humano, pequenezas cheias de interrogação e poesia, que nos colocam a pensar para além do instituído. Valendo-me de uma reflexão de Didi-Huberman sobre documentos da barbárie nazista, poderia dizer que Foucault e Coutinho nos oferecem “grandes *poemas* subversivos e líricos” (Didi-Huberman, 2018, p. 170). daquelas individualidades emerge algo a mais, um social e político mais amplo, que nos convoca justamente por tratar o pequeno e singular de modo amoroso e poético. Tento imaginar que Coutinho tenha vivido nessas filmagens aquilo que Foucault experimentou ao se deparar com os registros históricos de seus “infames”. Sobre o secreto prazer de ler aquelas histórias, ele diz que sentiu “uma emoção, o riso, a surpresa, um certo assombro” (Foucault, 2010a, p. 203).

Em meus estudos sobre a obra de Eduardo Coutinho, pareceu-me impossível desvincular o cineasta das elaborações de Foucault, não só porque ambos se dedicaram aos anônimos. Há também em Coutinho (e em tantos outros cineastas aos quais me dedico nas pesquisas) uma espécie de felicidade em filmar, em narrar, como se em seu trabalho eles de fato fizessem um “exercício espiritual”, transformando suas existências elas mesmas em obras de arte, como tantas vezes referiu Foucault, em seus cursos sobre a hermenêutica do sujeito, o cuidado de si e a coragem da verdade.

Fazer de si obra de arte não pode reduzir-se a apenas uma afirmação fácil e diletante. Em Foucault (e, penso, em Eduardo Coutinho), trata-se sempre de uma ética, de uma insistência na prioridade do sujeito ético, tal como elaborada pelos filósofos antigos estudados por Michel Foucault. Essa ênfase, gradativamente, foi se invertendo, e a centralidade passou a ser, como sabemos, a do sujeito do conhecimento. Ambas as ênfases, historicamente, ora se sobrepõem, ora ganham maior força. O convite que Foucault nos faz é operar na tênue linha *entre* uma e outra, operar na dobra, na emergência de um indivíduo-sujeito, que se movimenta entre as técnicas de dominação de seu tempo e a criação de técnicas de si, com potência de lhe permitir o gesto livre e afirmativo de si mesmo: o gesto instituinte, para além do que está dado, instituído e que, em épocas como a nossa, mostra-se urgente, como resistência a um mundo pleno de ameaças totalizantes e fascistas.

Se a vida não está como desejamos, se na maior parte do tempo não é bela, e se nos impõe sofrimentos, desigualdades e mesmo crueldades, o convite de artistas e filósofos é o de inventar, criar, aceitar a quase imposição de que é preciso escrever, pensar, filmar, pesquisar. Isso não significa, porém, colocar-se no lugar do autor-soberano, mas, ao contrário, assumir a própria fragilidade, escrever “para não se ter mais rosto”, aceitar a “mortificação de si na passagem aos signos”, diante dos perigos do presente (Foucault, 2016, p. 66-67). Ou, em outras palavras, o que diz Elena Ferrante: “Quem escreve não tem nome. É pura sensibilidade que se nutre de alfabeto e produz alfabeto em um fluxo irrefreável” (Ferrante, 2023, p. 31). Mesmo que

em Foucault não se trate a rigor de literatura, lembro que ele mesmo sublinhou: não escrevi senão ficções... A ideia aqui é a de repensar as dicotomias entre ficção e verdade:

Eu nunca escrevi nada além de ficções e eu tenho consciência. Apesar disto, eu não diria que as ficções estão fora da verdade. Eu acredito que é possível fazer funcionar a ficção no interior da verdade, introduzir efeitos de verdade num discurso de ficção e, assim, conseguir produzir no discurso, a fazê-lo ‘fabricar’ alguma coisa que ainda não existe, alguma coisa que se ‘ficcionalize’. ‘Ficcionaliza’ a história a partir de uma realidade política que a torna verdadeira e ‘ficcionaliza-se’ uma política que ainda não existe a partir de uma verdade histórica”. (Foucault, *apud* Dreyfus & Rabinow, 2010, p. 268, grifos do autor).

Quinto momento: conclusão

É nos gregos clássicos que Foucault encontra a delicadeza e a força do ato de escrever, de mostrar-se e de fazer aparecer o outro, para ele e para si mesmo: escrever para constituir a si como sujeito de ação racional, pela apropriação dos fragmentos de si e do outro, num ato de subjetivação criativa e poética, em nome de uma existência bela.

Uma das maiores heranças que recebo de Foucault é a de tratar dos discursos dominantes ou dos testemunhos periféricos, para estudar questões emergentes do presente, movimentada pela pergunta nietzschiana “Como nos tornamos o que somos?”. Recebo dele o convite a vibrar com a arte do pensamento, com a beleza dos conceitos, especialmente com a possibilidade de que as coisas podem ser diferentes do que são. Inclusive nossas existências, aquilo que amamos, aquilo que se faz carne viva em nós.

O que os cineastas e filósofos criam me atrai como experiência: suas experiências genuínas “deslizam na minha direção” (como diz o próprio Foucault)⁴, suscitando inquietações, prazeres, sensações que foram dos artistas (ou dos nossos entrevistados, dos registros que colhemos de histórias passadas, das leituras que fizemos), mas que em determinado momento podem também ser nossas.

Gosto de tramar minhas pesquisas e textos com a arte da literatura, das artes visuais, do cinema. Gosto de trazer a experiência dos artistas para o trabalho de pesquisadora, que só se faz na medida em que se problematiza o presente. Sim, porque pensar com Foucault é isto: problematizar. É construir objetos que fervilham em nosso tempo e elaborá-los como problema, sabendo-nos parte deles. Pensar então não significa reduzir nosso esforço à simples (embora necessária) denúncia do que vai mal. É mais, é pressentir perigos nas coisas mínimas de nossas vidas, de nossos corpos. É sobretudo imergir num trabalho cotidiano de cuidado de si, o qual é sempre ético, pois implica uma relação complexa com a alteridade. De preferência, fazendo tudo isso com mãos de veludo.

⁴Texto sobre o fotógrafo Duane Michals, “O pensamento, a emoção” (Foucault, 2011b, p. 94).

Informações sobre os autores:

Rosa Maria Bueno Fischer

 <https://orcid.org/0000-0002-6524-3850>

 <http://lattes.cnpq.br/4822360914917682>

É doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1996), mestre em Educação pelo Instituto de Estudos Avançados Em Educação Fundação Getúlio Vargas (1982) e é graduada em Letras pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1971). Aposentada na condição de Professora Titular da UFRGS, em 2020. Prêmio FAPERGS Pesquisador Destaque em Educação, 2023. Titular do Comitê Assessor (CA) da área de Educação, no CNPq (2013-2015). Membro do Comitê Assessor área Educação da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (2005-2008). De fevereiro a agosto de 2009 foi Visiting Scholar da New York University (USA) -- onde realizou seu estágio de pós-doutorado. Foi editora da revista Educação Realidade, da UFRGS, de setembro de 1997 a junho de 2008. Coordenou o GT Educação e Comunicação da ANPED nos anos de 2005 e 2006 e foi membro do Comitê Científico da ANPED em dois períodos; atua no momento como consultora ad hoc do mesmo GT. Editora associada da revista Education Policy Analysis Archives/ Arquivos Analíticos de Políticas Educativas, desde 2010, até dezembro de 2015. É membro do Comitê Consultivo do Scielo Educa, gerenciado pela Fundação Carlos Chagas, desde 2010. Membro de 8 Conselhos Científicos Editoriais de publicações qualificadas nas áreas de Educação e Psicologia. Participou como membro da Comissão Executiva da ANPED-Sul, em 2018. É membro do Conselho Editorial do Jornal da Universidade, UFRGS. Foi membro da Comissão de Pesquisa da FAGED/UFRGS, de 2013-2015. Foi coordenadora de avaliação do PNBE, em 2015. Membro da Comissão de Pós-Graduação do PPGEDU (2011-2015). É membro da Comissão Especial de Assessoramento à Avaliação Docente (PPGEDU/UFRGS). Tem experiência na área de Educação e da Comunicação, com ênfase em Filosofia da Cultura, poéticas dos processos criativos, estudos foucaultianos; realiza pesquisas sobre cinema, imagem, processos de subjetivação e formação ético-estética. Como Professora Convidada do PPGEDU da UFRGS, desde outubro/2020, coordena o NEMES - Núcleo de Estudos sobre Mídia, Educação e Subjetividade, da UFRGS. Autora dos livros O MITO NA SALA DE JANTAR (discurso infanto-juvenil sobre televisão); TELEVISÃO EDUCAÇÃO: fruir e pensar a TV; TRABALHAR COM FOUCAULT. ARQUEOLOGIA DE UMA PAIXÃO.

Como citar este artigo:

ABNT

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O belo perigo da escrita: Foucault e a arte de pensar a alteridade com “mãos de veludo”. *Fractal, Rev. Psicol.*, Niterói, v. 37, Dossiê V Colóquio Michel Foucault - a judicialização da vida, e65949, 2025. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/2025/v37/65949>

APA

Fischer, R. M. B. (2025). O belo perigo da escrita: Foucault e a arte de pensar a alteridade com “mãos de veludo”. *Fractal, Rev. Psicol.*, 37, Dossiê V Colóquio Michel Foucault - a judicialização da vida, e65949. doi: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/2025/v37/65949>

Copyright:

Copyright © 2025 Fischer, R. M. B. Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

Copyright © 2025 Fischer, R. M. B. This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

Editora responsável pelo processo de avaliação:

Cláudia Castanheira de Figueiredo

Referências

- BARROS, Manoel de. *Ensaios fotográficos*. São Paulo: Record, 2001.
- DELEUZE, Gilles. Michel Foucault. In: _____. *Conversações (1992-1990)*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p. 105-147.
- DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. Olhos livres da história. *Revista Ícone*. Recife, v. 16, n. 2, p. 161-172, 2018.
- Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/icone/article/view/238900/pdf>. Acesso em 29 jun. 2024.
- DREYFUS Hubert & RABINOW, Paul. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- FERRANTE, Elena. *As margens do ditado*. Sobre os prazeres de ler e escrever. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2023.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. O Fim e o Princípio: o acaso e a poética da escuta em Eduardo Coutinho. *Revista Brasileira de Estudos da Presença*, v. 14, p. 01-26/ e134563, 2024. <https://doi.org/10.1590/2237-2660134563vs01>
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Quando os meninos de Cidade de Deus nos olham. *Educação & Realidade*, v. 33, p. 193-208, 2008. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/6695>
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense, 2009a.
- FOUCAULT, Michel. *A coragem da verdade*. O governo de si e dos outros. São Paulo: Martins Fontes, 2014a.
- FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2009b.
- FOUCAULT, Michel. As damas de companhia. In: _____. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Ditos & Escritos III. Rio de Janeiro: Forense, 2009c, p. 194-209
- FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: _____. *Estratégia, poder-saber*. Ditos & Escritos IV. Rio de Janeiro: Forense, 2010a, p. 203-222.
- FOUCAULT, Michel. Conversa com Michel Foucault. In: _____. *Repensar a política*. Ditos & Escritos VI. Rio de Janeiro: Forense, 2010b, p. 289-347.
- FOUCAULT, Michel. Conversa entre Michel Foucault e Claude Bonnefoy. In: _____. *O belo perigo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 29-77.
- FOUCAULT, Michel. Foucault, o filósofo, está falando. Pense. In: _____. *Arte, epistemologia, filosofia e história da medicina*. Ditos & Escritos VII. Rio de Janeiro: Forense, 2011a, p. 49-51.
- FOUCAULT, Michel. Isto não é um cachimbo. In: _____. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Ditos & Escritos III. Rio de Janeiro: Forense, 2009d, p. 247-263.
- FOUCAULT, Michel. O pensamento, a emoção. In: _____. *Arte. Epistemologia, filosofia e história da medicina*. Ditos & Escritos VII. Rio de Janeiro: Forense, 2011b, p. 94-101.

FOUCAULT, Michel. Prefácio (Anti-Édipo). In: _____. *Repensar a política*. Ditos & Escritos VI. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010c, p.103-106.

FOUCAULT, Michel. Sobre a genealogia da ética: um resumo do trabalho em curso. In: _____. *Genealogia da Ética, Subjetividade e Sexualidade*. Ditos & Escritos IX. Rio de Janeiro: Forense, 2014, p. 214-237.

SAFATLE, Vladimir. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. Edição Kindel.

VEYNE, Paul. *Foucault, o pensamento, a pessoa*. Lisboa: Texto & Grafia, 2009.

Filmes citados:

Ainda estou aqui (Direção de Walter Salles, 2024)

Cidade de Deus (Direção de Fernando Meirelles, 2002)

O fim e o princípio (Direção de Eduardo Coutinho, 2006)